



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

3 DE MARÇO DE 1962
ANO XIX — N.º 469 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aniversário

Foi há dias o Evangelho do «grão de mostarda» e do «fermento na massa». Coube-me peditário esse domingo. Nas duas parábolas encontrei Pai Américo... E falei dele. Não tanto de Pai Américo-pessoa, como de Pai Américo-Obra.

Quando um homem se deu a aprender de Cristo, não para O saber, mas para se identificar com Ele, a ponto de lhe acontecer como a Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim»; quando um homem assim procura—acaba por identificar o que é com o que faz, à imagem do Mestre, do qual o Evangelho nos relata tantas vezes a confiança: Ego sum... Eu sou a Vida..., o Caminho..., a Verdade..., o Pão..., a Luz..., a Ressurreição... Os valores da Salvação todos são Cristo!

O Reino de Deus é uma realidade primariamente interior. É semeado na alma de cada um e, quando aí encontra terreno propício, quando toda a energia vital, todo o húmus convergem para a pequenina Semente, Esta germina e cresce. E a realidade interior exterioriza-se. Oferece

ramos às aves do céu; frutos e sombra aos homens. É vista; desejada; estimada; também — e sempre! — contraditada.

Então, o Reino de Deus já não é só aquela alma, mas também as obras, os frutos que ela dá. Irradia, estende-Se, atinge os que têm fome e sede de justiça, comunica-Se-lhes. Actua como o fermento na massa: perdido nela, confundido com ela... a levedá-la, a fazê-la crescer, a transformá-la... Foi assim Pai Américo-pessoa. É assim Pai Américo-Obra.

O Reino de Deus é o Reino do Amor, da Caridade. E a Caridade é «benigna», «folga com a Verdade»... Eis os dois aspectos mais realizados neste alvéolo de dilatação do Reino que é Pai Américo-Obra (Reino semeado nele — projectado nela): a Caridade é benigna — assiste; folga com a Verdade — ensina-A.

Assistência é o bem que a Obra faz — bem limitado aos relativamente poucos que dele usufruem: Pobres servidos, Rapazes amparados, Doentes recolhidos, Famílias abrigadas.

Tantos mais os que não têm lugar na pequena capacidade da nossa acção!

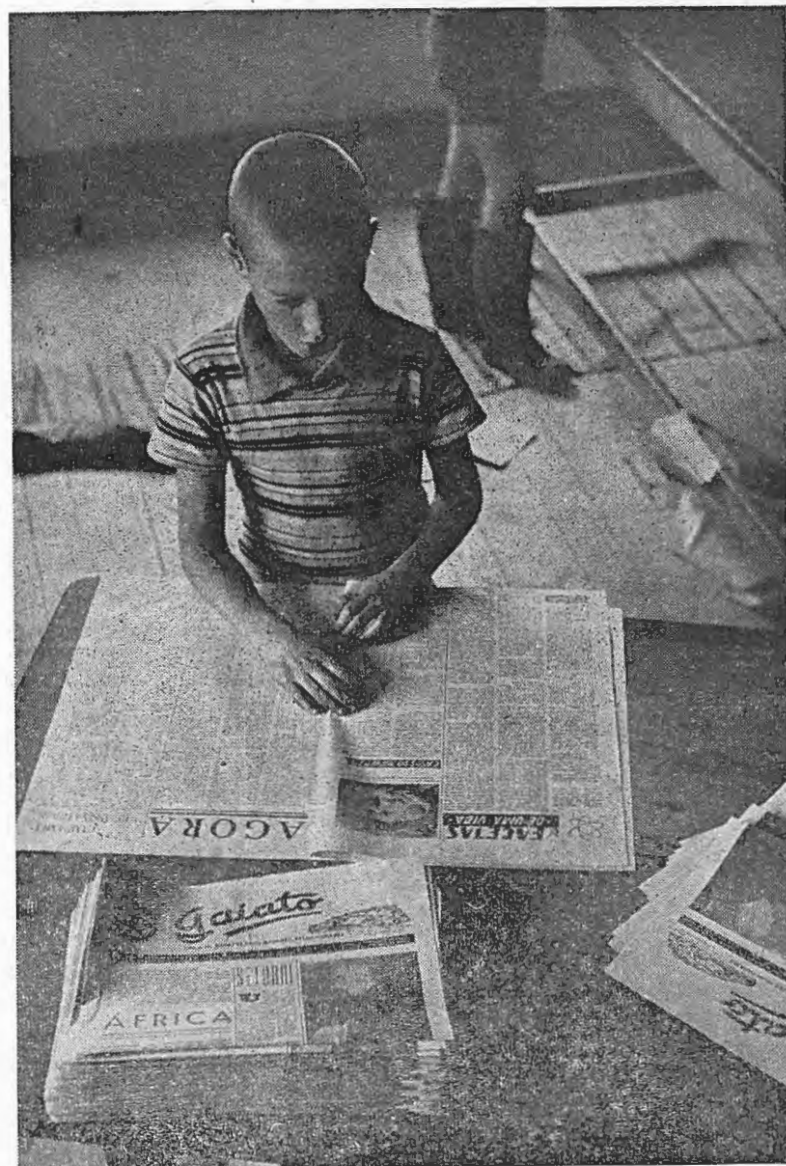
Pedagogia é o bem que Pai Américo-Obra faz fazer.

Este é limitado, também; mas os seus limites já não pertencem ao nosso horizonte.



Que bem maior, este, não é! E o instrumento dele, o principal, é «O Gaiato». Famoso, Desordeiro, Incendiário, portador de «verdades como punhos», escrito «em pretognês de Bié», ou receptáculo de «um estilo literário que é escola-nova» — nada disso conta diante do ser de arma pacífica de dilatação do Reino, que ele é.

Dezoito anos faz «O Gaiato». Também para nós ele é o sinal mais sensível da presença de Deus nesta Obra erguida sobre o Seu Santíssimo Nome, a qual não sabe nem aceita outra explicação da sua sobrevivência e da sua pujança, que não seja a benção recebida da invocação deste Nome.



FESTAS

Ora por enquanto pouco posso acrescentar.

O título já vai no plural — é certo. É que, querendo Deus, a Festa será no Porto e em Braga. Ainda há pouco Campanera me veio dar conta dos seus passos. O ano passado, na capital do Minho, tudo correu por conta dele mais de quem ele juntou a si — e tudo foi satisfatoriamente. Espera-se que este ano os seus Amigos de Braga, os nossos Amigos — e são tantos! — o não deixem ficar mal.

Porém, dentro da linha enunciada no último número, há outra razão maior para o título ir no plural. É que dos nossos Padres, P.e Zé Maria já aderiu ao movimento. Sei que anda às voltas com o Império, agora cada vez mais ocupado, mas onde nós teremos de caber por amor da tradição.

P.e Acílio também quer. Ora se P.e Acílio não havia de querer Festa...?! Mas, ele tem tanto para onde se virar, que nem sei se não serei eu mesmo a levantar dificuldades à sua Festa em Setúbal.

P.e Horácio é o mais decidido: que não. Está um bocadito triste com a frieza da Lusa Atenas. E agora que lhe faltam os melhores colaboradores, tomados pelo serviço militar, ainda mais forte razão encontra para a sua recusa.

Aqui têm os senhores o estado da questão.

E de programa, como vamos? Ora neste ponto «é que a porca torce...» Américo, Daniel e Júlio têm-me consumido com ideias. Um queria uma «feérie» estilo Broadway. Outro uma opereta à Franz Lehár. O outro nem sei que propunha.

Eu cá propuz a todos que me deixassem em paz — e é nisto que estamos.

Colaboração dos

Se eu não fôra um desarrumado, daria à estampa as palavras textuais com que um leitor acompanhava a liquidação da sua assinatura. Assim..., terei de me contentar com a ideia. E esta era a participação na família da Obra da Rua que aquele Amigo confessava sentir.

De facto o mundo dos leitores constitue a nossa 3.^a dimensão. Eles são vivos, activos. Basta ver!: Saiu ontem um jornal e já hoje o correio traz recados com os reflexos, os comentários, as sugestões de muitos leitores. E o caudal dos desabafos vai engrossando quinzena adiante.

Já é tradição dobrarmos o número de páginas no jornal do aniversário e darmos a palavra, extensa palavra, aos nossos leitores. É certo que não há exemplar que a não traga. É certo que até em outras rubricas sempre os leitores metem a sua colheita. Mas, neste número comemorativo, a tribuna pertence-lhes «ex professo» — e nós somos o auditório atento e enlevado, na descoberta das maravilhas de Deus.

São tantas as cartas! Tão difícil escolher! Ainda mais difícil reparti-las por vários capítulos, para facilitarmos a paginação e não termos de ouvir os senhores Tipógrafos!

Elas aí vão, quase a esmo, como nos vêm às mãos.

A OBRA DA RUA

Perante toda a Obra do Pai Américo, eu fico em silêncio, mas silêncio religioso... Não sei dizer nada. Mesmo, que eu nada sou, perante a imensidade da Obra...

Que Deus ajude, que Deus faça dos rapazes da rua, grandes homens de Portugal.

Em dia de Festa esta legenda de uma grande e veneranda Amiga:

Não me esqueci de rezar, não por Ele, mas a Ele, no dia aí lembrado com tão grande saudade.

Afinal... sempre apareceu a tal carta de cuja ausência falei no princípio. Ei-la...

Membro espiritual dessa Família, peço a Deus que continue a abençoá-la.

Notícias de grandes desejos e sérios sacrifícios nunca nos faltam.

Com os meus respeitosos cumprimentos, peço perdão a V. Rev.^a de lhe enviar tão pouco mas também tenho filhos e família e a vida também para mim é um pouco dura.

E mais esta:

Lamento não poder contribuir com mais para a Obra que tanto admiro mas não me é possível em virtude de meu marido ganhar pouco e ter um filho para criar, mas não esqueço a Obra tão admirável e leio o «Gaiato» sempre da primeira à última página.

Que Deus vos proteja e que Nossa Senhora se lembre também da minha Família.

E este desabafo de um coração em brasa?

Grande é a Obra da Rua, ampla como nenhuma, pois só assim pode proceder com tal magnanimidade alimentando como assinantes, sem a célebre aliança, pessoas como eu.

Amo-a muito e desejo um dia conhecê-la por dentro, visitá-la. Que pena o nosso Algarve não lhe sentir o bafo! Porque não descem até ele?

Desculpe-me estas considerações quando eu apenas desejo liquidar a minha assinatura. Mas tão à vontade me senti que falei...

Obrigado por tudo e só vos peço que nas vossas orações não esqueçais um filhinho de 6 anos que tenho e muito desejaria que o Senhor o chamasse a tão nobre ideal como é o dos Padres da Rua.

Mais pensares e sentires da mesma sorte.

Não tenho palavras nem sei dizer quanto sinto de admiração pela Obra em tão boa hora criada por Pai Américo e como essa admiração se manifesta tão cheia de ternura e comoção com a leitura do Jornal a todos os títulos «grande» que é o Gaiato.

Apenas este pequeno «grande jornal», no estado de espírito em que fiquei depois do falecimento de meu marido, consegue interessar-me.

Por tudo, bem hajam os escolhidos por Deus, para serem o exemplo vivo do Evangelho vivido.

Pedindo a Deus muitos e longos anos de vida para todos, reconheça-lhe beija as mãos, a que cada vez se sente mais «pequena».

Delicadeza de almas

Tanta, tanta que nos confunde! Quem a merece?! E ainda mais maravilhosa é a resposta a: Quem a dá?!

Este meu colega embora não seja católico, é um «incendiado», e diz que a verdadeira religião é praticar o BEM, como se verifica em toda a vossa OBRA para glória de Deus.

Termino enviando um abraço para todos, e para o ano, se Deus me der saúde, cá estou outra vez a fazer a cobrança das assinaturas que consigo, para não vos dar mais trabalho do que aquele que já têm.

O colega «incendiado» diz bem. A Sagrada Escritura, pela pena de S. Tiago, também diz assim, exactamente assim. Mas ninguém pratica o BEM se O não tiver dentro do seu coração... E o BEM incarnado, tem nome, o Nome por força do Qual é todo o bem que se verifica em toda a nossa Obra. Esse nome é JESUS CRISTO.

E que dizer agora desta beleza que me chegou às mãos?! O vul-

gar é, como diz o nosso povo: «Tem maiores olhos que barriga...» Ou então: «A galinha do vizinho parece sempre mais gorda do que a minha!» Vejam como este leitor discorda.

Com os meus respeitosos cumprimentos venho agradecer-lhe o ter-se lembrado de mim para me mandar o Jornal, eu gosto sempre de dar aos pobres. Eu também sou pobre mas ainda há pobres mais pobres do que eu. Vivo do meu trabalho mas certamente Pai Américo pediu a Deus que me ajudasse para eu poder pagar a minha assinatura.

Outro ângulo de delicadeza.

Junto anexo um vale, para ajuda das custas do v/ jornal que tenho recebido e muito aprecio.

E ainda esta compreensão tão amiga do que é necessário e essencialmente a nossa desorganização: «Se acaso isso fosse possível...»

Junto envio um vale do correio a fim de pagar o livro «Pão dos Pobres» 2.^o vol. que tiveram a gentileza de me mandar para a morada impressa no cartão e no meu nome de solteira.

Se acaso isso fosse possível, nessa «desorganização» tão maravilhosamente organizada, atrevia-me a pedir o favor de actualizarem o meu nome de casada, tanto no jornal como no ficheiro para o envio dos livros que considero os melhores que estão na minha estante.

O FAMOSO

Tantas cartas! Tantos hinos de louvor e de acção de graças pelo bem que ele tem feito aos seus leitores! Consideram-no como membro de família que é esperado ansiosamente todas as quinzenas. Se falta, ficam em cuidados. É lido como quem reza:

Junto um vale para liquidar um ano mais do jornal, que leio sempre como se fizesse uma oração.

O restante é uma pequena ajuda, para alguma das grandes obras que o nosso Pai Américo criou, e V. continuam com a Graça de Deus.

Junto envio 2.000\$00 para pagamento da minha assinatura.

O excedente destinava-o a amenizar qualquer falta porventura existente na quadra do Natal na Casa do Gaiato, mas como praticamente já passou a oportunidade, deixo ao critério de V. Rev.^a a sua aplicação. O que não desejava é o cancelamento da minha assinatura do «FAMOSO».

X X X

Em Janeiro de 1960, há precisamente dois anos, perdou-me essa pia instituição o débito em que eu estava e, como se isso não bastasse, continuou a enviar-me «O Gaiato» assim como o precioso livrinho de doutrina «Pão dos Pobres», que con-

servo como relíquia e leio com atenta concentração.

Naquela altura, aceitei por dupla necessidade: a carência de recursos e a falta que me faria a leitura do jornalzinho, que representava uma necessidade do meu espírito e que ainda hoje leio de fio a pavio.

Melhorou, porém, ainda que ligeiramente, a minha situação económica e, graças a Deus e ao auxílio filial, vou tendo o Pão Nosso de cada dia e custame por isso estar a ser um encargo no orçamento dum casa de tão úteis fins e que não posso ajudar, nem angariando-lhe novos assinantes porque estou invalidado e não posso sair de casa.

Resolvo por isso continuar a ser assinante com a modesta cota anual de 30\$00 que remeto e relativa ao ano corrente e aos quais acrescento 20\$00 para pagar o livrinho que recebi no pretérito Dezembro e espero continuar a merecer-lhes a deferência da remessa dos que se forem editando e que pagarei enquanto vivo for.

É o Amigo a quem se trata com excessos de delicadeza para não o magoar, pois a sua presença só faz bem:

Este ano descuidei-me um pouco, com o pagamento da assinatura do tão afamado «Famoso».

Eu chamo-lhe «pagamento da assinatura», e seria esse o termo a usar se o n/ jornal fosse mais um entre todos os outros. Mas, felizmente, não o é. A assinatura não tem preço, ou antes este é pago de modo diferente.

O seu preço está nas transformações que faz nas n/ almas. E são tantas, felizmente!

Mas, aquilo que lhes poderia dizer, já todos aí o sabem, já muitos vos têm dito e por isso eu só vos digo «muito obrigado» por aquilo que em mim nada era e hoje é muito, mas ainda não tanto como deveria ser.

Caso queiram mencionar no n/ Famoso a entrega para a «Confissão» agradeço que não seja mencionado o nome.

A todos um muito obrigado.

Mas «O Gaiato» é revolucionário. Onde há «paz» leva a «guerra». Provoca inquietação nas consciências. Abençoada inquietação! Arranca lágrimas e faz sofrer. Vede:

Como tem acontecido a alguns assinantes do jornal, sinto a consciência a roer por não ter ainda mandado o dinheiro para pagar a minha assinatura. Agradecia que o Senhor Padre me mandasse dizer quanto é que devo.

Ao contrário do que pode parecer por este atraso, é sempre com grande interesse e por vezes com lágrimas nos olhos que leio de princípio a fim as páginas do Gaiato. Desde o meu primeiro ano do liceu que o venho lendo, embora só há relativamente pouco



LEITORES

E é tudo. Que Deus seja sempre com V. Rev.ª e com a Obra da Rua — que, afinal, é d'Ele também.

E mais outra a revelar a delicadeza da alma de sacerdote:

Acuso que foi já há bastante tempo que fui entregue dos livros — preciosos — que teve a caridade de me enviar. Só hoje aqui estou a enviar uma quantia — módica! — para a Obra da Rua, que não para pagar os livros, pois não há dinheiro que os pague. Eles são Vida e nada deste mundo vale tanto como a Vida.

O meu cordial agradecimento. As minhas «finanças» são baixas — mas prometo não me esquecer jamais da Obra da Rua e dos nossos amigos — grandes e numerosos amigos! — os Pobres! Podendo marquei presença. E é tudo.

tempo seja assinante, e, como nessa idade, ainda rio e choro quando o leio. São as brincadeiras dos vossos rapazes e as dores dos vossos pobres e doentes, que eu sinto quase como se tudo o que nele vem escrito se estivesse a passar perante os meus olhos e ao mesmo tempo sinto-me culpada por ser tão pouco activa no combate contra a miséria e a pobreza.

Peça pois por mim ao Senhor para que faça sempre todo o bem que puder e que não seja tão egoísta pensando só em mim e nos meus.

Apesar disso é esperado como nenhum outro. E quando os assinantes se esquecem, sem querer, de lhe dar um pouco, em recompensa do muito que recebem, chovem os pedidos de desculpa, o que dá ocasião a manifestações de quanto é estimado:

Envio os 30\$00 do Famoso. É o único jornal que leio. Era o único que devia ser lido por todos. Deus Vos abençoe.

E esta de Leopoldville:

Queridos amigos:

Que Deus vos dê saúde a todos. Estou muito triste por ainda não ter pago o jornal como é meu dever; felizmente não é por não poder, mas poder fazê-lo sem transferências?

Pedi a uma amiga de Lisboa para vos enviar 300 escudos para pagamento dele visto me mandarem de avião o que muito agradeço. Já recebi o N.º 434. Deus vos pague a amabilidade. Como sou doente e muito, o dia em que recebo o jornal até parece que melhora.

Bem hajam. Têm algum livro que vendam? Se tiverem mandai

Razões diversas se poderiam alegar, mas nenhuma bastante para justificar a falta, porque o jornal é palavra indispensável e sã, oportuna e forte.

Por isso aqui vai uma nota de 50\$00 metropolitanos, e foi o que se pôde arranjar! Quando puder, irá mais.

Tenho recebido o FAMOSO com regularidade e a sua doutrina é cada vez mais actual, aqui e em toda a parte.

A leitura dele sempre me traz uma certa paz de espírito e confiança nos homens.

Termino, com os meus votos de que PAI AMÉRICO lá em cima continue junto de Deus a sua obra e peça por todos.

SANGUE DE OPERÁRIOS

Com os melhores cumprimentos junto envio uma «folha de alface» 20\$00 para pagamento da minha assinatura até ao número não sei quantos.

Agradeço me comuniquem a recepção (caso não desapareça no caminho) e espero dentro em breve com outra «folha» pôr as nossas contas em dia. Vam as nossas com Deus ajuda os pobres a pagarem as suas dívidas.

Temos de ir devagar para não cair. Bem sei que a «rapaziada» precisa de comer e vestir todos os dias, e muito me custa não contribuir para tão grandiosa Obra,

que pago o que fôr, mas só de avião.

E mais outra:

Já fez um ano em Dezembro que comecei a receber o jornal «O Gaiato» e Deus sabe quantas lições de lá tenho tirado e quantos momentos de meditação posso encontrar nas suas linhas feitas de simplicidade, de amor e generosidade.

Apesar de tudo isto tenho-me descuidado bastante com o pagamento da assinatura e só hoje venho enviar a importância relativa ao ano de 1960, apresentando a V. Rev.ª as minhas desculpas pelo atraso. Suponho que o custo é de 30\$00. Todavia, incluo mais 10\$00 que tenho o gosto de oferecer para ajuda da correspondência de hoje. Pena é que seja uma dívida tão modesta, mas já prometi a mim própria, para o futuro, pôr de parte todos os meses uma importânciazinha destinada à Casa do Gaiato, para colaborar assim, numa obra que merece todo o nosso carinho, que me enternece e faz pensar que não é só de V. Rev.ª nem dos habitantes das terras onde existe, mas sim de todos os portugueses com o sentido de amor e desejo de ajudar os problemas que surgem todos os dias neste campo.

Perdoe V. Rev.ª que lhe tenha roubado o seu tempo com as minhas palavras mas acho justo dirigir-lhas para que sinta, nas horas difíceis, que muitos irmãos estão unidos às suas preocupações pelo Coração Divino do Mestre.

Apresento a V. Rev.ª os meus mais respeitosos cumprimentos, pedindo a Nosso Senhor que cubra de bençãos a sua obra e as suas iniciativas.

E outra:

mas o nosso salário de operários não nos permite. É triste afirmá-lo mas é a realidade.

Se eu conseguir pagar todos os jornais que tenho recebido de «O Gaiato» então dar-me-ei por satisfeito porque considerar-me-ei nessa altura contribuir, mas enquanto o não conseguir sou apenas devedor e isso é contra a minha consciência.

Remeto 30\$00 para pagar o jornal «O Gaiato» que me é enviado todas as quinzenas. Se pudesse pagaria mais mas, como não posso, espero que os ricos o façam por mim.

TESTEMUNHO DE FRATERNIDADE CRISTÃ

Já por várias vezes tenho enviado para aí algumas quantias, e nunca — mas nunca! — eu vi no «Gaiato» o meu número ou seja o «28604». Compreende que não é para me agradecer, eu é que fico agradecido por me darem a oportunidade de contribuir para essa Obra com O grande, mas é que em verdade receio que não tenham sido entregues essas quantias, pois só uma vez enviei em vale, das outras vezes, mando sempre em carta vulgar sem registo.

Leio sempre «O Gaiato» com o maior interesse, direi, com a maior devoção e respeito. Leio-o à minha criada, e depois ainda o dou para a porteira e o marido.

IRRADIANTE DE FORÇA DIVINA

Pela assinatura de F., alguém juntou 50\$00.

Que, na leitura do vosso jornal — irradiante de Força Divina — ela possa encontrar lenitivo para a inquietação que tortura a sua nobre alma.

Desejamos que nosso Senhor vos guie e ampare.

UM «MEA CULPA»

Remeto 50\$00. Para quê? Nem sei. São tantas e tão belas as obras que não sei a que destinar tão pequena verba. Nem sequer tenho pago o jornal, Deus me perdoe!

SUGESTÕES

Uma prova do interesse dos leitores pelo «O Gaiato» é sem dúvida, a resposta muitas vezes quase imediata, aos muitos problemas que nele são tratados. Algumas colunas do jornal são fruto de sugestões dos leitores. Reparem nesta:

Ao terminar a entrega da terceira quantia de 12.000\$00 interrogamo-nos sobre se devemos continuar a contribuir com as nossas economias para a construção de mais casas ou dirigi-las noutros sentidos. Pensámos várias coisas. «Uma Carta» publicada no «Gaiato» da véspera do Natal, contando o caso do A. L. C. que resolveria o problema da sua habitação com 5.000\$00, levou-nos a admitir o interesse de um fundo de crédito social. Esse homem tem possibilidade de pagar renda de 20\$00 por mês; está portanto em posição diferente daquele que nada tem e precisa que tudo lhe dêem. Salvo melhor opinião, ele precisa de um empréstimo — em

préstimo cristão: sem juro, sem prazo, sem garantia!

Nós acreditamos que muitos que não são miseráveis de frontam dificuldades tremendas apenas por não terem, em determinado momento, uma quantia que poderão vir a pagar um dia. Não será isso razão suficiente para fazer qualquer coisa — embora nova — por eles?

O dinheiro que pensávamos mandar com este fim vai servir para responder ao apelo do nosso Bispo a favor da construção de novas igrejas. Por isso segue... apenas a ideia. Se ela for de aproveitar outros contribuintes e nós apareceremos quando pudermos.

P. S. — Relendo a carta pareceu-nos conveniente esclarecer que o empréstimo teria lugar apenas entre o dito fundo e o beneficiário. Aquele para subsistir com independência dependeria apenas de contribuições voluntárias de terceiros.

Inquietação Sacerdotal

O calor da Obra da Rua entra nos Seminários e deixa corações a ferver e consciências inquietas. Esta carta de um Seminarista é testemunho eloquente:

Cordiais saudações no Senhor Jesus.

Sou leitor do «Famoso» que vem aqui para o Seminário e passa pelos nossos quartos a lembrar-nos que Cristo continua vivo nos Pobres. E bem vivo! Faz-me um bem incalculável. Enche a minha alma de tantos desejos e não me deixa adormecer. À minha

volta — por esse mundo — há muitas almas que sofrem...

Como livro de cabeceira tenho o BARREDO — o Evangelho em acção! Mas queria possuir também «O Pão dos Pobres». Por isso, aqui estou a pedir a graça de me serem enviados os exemplares reeditados (creio que é mais que um). Agradecia que estabelecesse um preço... se é que é costume.

Frequento o 4.º ano de teologia. As «finanças» são bem poucas, mas sempre enviarei algum. Tenho obrigação. Os Pobres têm direito.

A Caridade é Vida...

O que não é capaz de realizar um Padre que vive da Fé e da Caridade!? Olhem para este testemunho:

Recebi a carta de V. Rev.ª em que me mandava um cheque de 5.000\$00 para a segunda casa.

A casa já foi entregue e ainda me não mandou os outros 5.000\$.

Na mesma carta promete-me vir a Mondim ver em carne e osso e apalpar as pedras destas casas... mas ainda não veio.

Venha num destes dias lindos e verá como sei encantado com a sua Obra em Mondim de Basto.

Se não gostasse... seria o Senhor o primeiro a condenar-me. Sabe?

Ao lado destas casas que são suas, o Céu vai-nos dando outros favores.

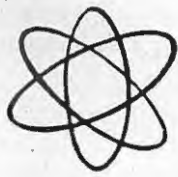
Vamos ter muito brevemente um Patronato, uma casa de Lavôres e um Colégio orientados por Irmãs do Amor de Deus e um Centro de Assistência Social.

Já são distribuídas diariamente, pela Cáritas, 600 refeições a crianças pobres.

Que Deus nos ajude...

Trabalhem e lembremo-nos de que é pecado desconfiar da Providência.





FACETAS DE UMA VIDA

Velha conhecida de Pai Américo e amiga da sua Obra, hoje como nos primeiros tempos dela, havia-nos prometido a sua colaboração quando, há quase dois anos, estivemos em Lourenço Marques. Tardou um pedacito, isso tardou — mas como mais vale tarde...! E aqui a temos hoje cumprindo o prometido: «uns pequenos apontamentos referentes ao contacto que tive em Coimbra com o nosso querido Pai Américo».

É um depoimento simples e familiar que encerra uma carta muito característica do espírito prático de Pai Américo: a sua resposta tão clara como completa, quase só por verbos acrescentados à própria carta recebida.

Quem com ele manteve correspondência conheceu várias respostas semelhantes.

Demos, pois, a palavra à Senhora D. Maria Ana.

LEMBRO-ME bem da emoção que senti quando em data que não posso precisar, estando na Sé Nova de Coimbra, vi no meio da fila de Seminaristas que se dirigiam para as suas bancadas do altar mor, um cuja idade já devia ter ultrapassado os 30 anos!

Interessada segui atentamente a sua preparação eclesiástica. Soube depois que o Padre Américo — assim se chamava esse antigo seminarista — estava Assistente na Tutoria da Infância, e vim a encetar relações com ele, quando passou a assistir aos presos das cadeias.

Um dia cruzámo-nos na rua. Trazia o Pai Américo um ar de absorvido por qualquer assunto. Em vez de corresponder ao meu cumprimento, apenas me disse: «Não, isto assim não vai bem. Ando ás voltas com a massa já azeda. Tenho de ir ao princípio antes dela azedar...» e seguiu para a cadeia.

Nessa altura não percebi as suas palavras e, intrigada, troquei até impressões com a minha saudosa mãe.

Passados meses, estava dentro do assunto!...

Volto a cruzar-me com ele, por acaso no mesmo sítio, tendo surgido este diálogo:

— Sabe? Comprei uma quinta!...

— ?

— Em Miranda do Corvo. Vou para lá com os primeiros gaiatos. Aqueles que são o esterco da sociedade.

— Mas com que dinheiro comprou o Snr. Padre Américo uma quinta?!...

— Olhe ferrei cão! Deus lá está para me ajudar.

De outra vez encontrei-o na Estação Nova. Todo o seu ar era de aflição.

«Estou aflito, diz-me. Faltam 5 minutos para o comboio partir e o Luciano (salvo erro era este o nome do rapaz) ainda não apareceu para ir comigo. Meu Deus, se ele não vem, perde-se...» E ali ficámos os dois a olhar para fora... No ultimo minuto aparece o gaiato. Que alegria a do nosso Pai Américo! Apenas lhe ouvi dizer: — «Vieste, filho!...» E correu para o comboio, para onde já subiu com ele em andamento, levando bem junto de si aquela alma que por tudo queria salvar.

Mais tarde pedia no «Correio de Coimbra», uma criança do sexo feminino, para ser adoptada por uma família.

Andava eu nessa altura empenhada em arranjar abrigo para uma criança orfã de pai e mãe. Escrevi-lhe, pois estava ausente de Coimbra, expondo-lhe as condições em que a garota se encontrava.

Passados dias é-me a carta devolvida por um seu pupilo, hoje digno magistrado nestas terras d'África.

Durante muito tempo guardei essa carta, que desapareceu sem eu saber como, com bastante mágoa minha. Ela era bem um reflexo do espírito prático, do nosso Pai Américo!... Li-a tantas vezes que a decorei e aqui a deixo reproduzida. As palavras a negro foram as escritas pelo Pai Américo entre as que eu tinha escrito na dita carta.

Ex.mo Senhor Padre Américo
Minha Senhora

Respondendo ao seu pedido publicado no jornal «Correio de Coimbra» desta semana, venho informá-lo que conheço uma criança me parece estar nas condições exigidas por V. Reverência. Está

Tem a meúda 3 anos, é orfã de pai e mãe, vive na companhia de uns tios que são muito pobres, com muitos filhos, e portanto a criança é um peso para eles e, por conseguinte, muito infeliz. Não será mais.

Tenho procurado interná-la nalgum asilo, mas nada tenho conseguido.

Oxalá a sorte a bafeje desta vez!... Terá desta vez aquilo a que tem direito. Venha falar comigo logo que regresso a Coimbra.

Aguardando ansiosa uma resposta, creia-me atenciosamente e com os melhores cumprimentos

F.....
P. Américo

Que bom é chegarmos ao fim do ano e podermos anunciar as nossas contas! Como Deus tem sido tão Pai em dar-nos o pão de cada dia, embora exigindo a nossa colaboração!

Não fazemos orçamentos, não usamos pesos nem medidas, não contamos o que damos aos pobres e aflitos e o pão repartido chega para cada dia e o agasalho indispensável para cada corpo e tudo o necessário para a formação de cada homem.

A maior cifra de receita veio-nos dos peditórios nas igrejas: Oitenta e cinco contos na Sé Velha, Sé Nova, S. Bartolomeu e S. José de Coimbra, Luso, Figueira da Foz, Monte Real, S. Pedro de Muel, S. Martinho do Porto, e quatro igrejas da Covilhã. Migalhas escondidas nas mãos que se abriram nas nossas sacas e que Deus registou na vida de cada um. Os nossos peditórios são também uma manifestação da vida e amor cristãos.

A segunda parcela veio-nos da venda de «O Gaiato». Oitenta contos que nos chegaram em moedas de um escudo trazidas pela mão dos nossos pequenos vendedores. Mais do que as moedas eles trazem o testemunho do carinho de quem lhes dá a mão, de quem os beija, de quem os ama. Os nossos vendedores são canais de amor. Amor que levam no jornal que oferecem e amor que trazem de quem os recebe. Não posso esquecer uma palavrinha especial para as pessoas que lhes dão hospedagem na Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Lousã, Tomar, Leiria e Figueira da Foz. Pais e mães por amor. Também levanto mais uma vez o meu pensamento para os empresários de camionagem que nos oferecem todas as passagens. Deus lhes pague.

Os donativos que por carta ou à mão, que directa ou indirectamente nos chegaram somaram cinquenta e três contos. O Estado contribuiu com 60. Dos nossos subscritores de Coimbra vem-nos também uma ajuda boa. Só é pena que não aumente o número deles em proporção com o aumento dos habitantes da cidade. Os dois gaiatos cobradores irão bater a mais portas.

A festa no Teatro Avenida deixou-nos uma lembrança, embora esta não seja o fim primário da festa. A laboração das nossas oficinas vai dando para as suas despesas e os rapazes vão-se preparando para a vida.

Algum tempo depois, levei a pequena ao Lar de Coimbra, e aí o Pai Américo a tomou nos seus braços, com aquele sorriso que lhe vinha da alma quando antevia a felicidade para os deserdados da sorte.

Viu-o aqui em África com os olhos inundados de tristeza, quando soube do mau passo dado por 2 dos seus filhos.

Viu-o a falar com um deles ameigando-o com a sua capa, tentando reconduzi-lo ao bom caminho... E era tal o fluido espiritual que dele imanava, que apesar de não ouvir o que ele dizia áquele filho, que em tempos passados lhe tinha merecido cargo de confiança num dos Lares, eu senti-me imensamente comovida por ver quanto não sofria naquele momento o nosso Pai Américo.

Em Dezembro de 1955 ao vê-lo no cais de Alcântara a despedir-se de dois Gaiatos que vinham no mesmo barco que eu, de retorno a estas paragens, mal diria eu que era a última vez que o via. Ficou-me para sempre gravada na memória a sua expressão preocupada e ao mesmo tempo alegre ao dar as últimas recomendações e despedidas aos seus Gaiatos que vinham para estas terras onde ele esperava que honrassem o nome da Obra e contribuissem para um Portugal maior e melhor.

TRIBUNA de Coimbra

O resto para chegar a trezentos e oitenta e dois contos, tal foi a nossa despesa no ano findo, veio-nos da contribuição do nosso trabalho no amanho da quinta.

As camas do nosso Lar de Coimbra e da Casa de Miranda, que andam por uma centena, estiveram sempre ocupadas. Nove dos rapazes continuaram os seus estudos e dois deles terminaram o Magistério Primário. Dois dos mais velhos continuaram com os bons resultados dos seus estabelecimentos comerciais e um deles constituiu família. Três trabalham de dia e à noite frequentam o Curso Comercial ou Industrial. Três estão a trabalhar fora. Cinco cumprem o Serviço Militar. Doze aprendem o seu ofício nas nossas oficinas. Alguns

estão nos serviços domésticos. O maior número frequenta a escola e os «batatinhas» são os reis da casa.

Procurámos continuar com a ginástica e desporto, ampliámos a nossa piscina e proporcionamos a todos uns dias à beira mar. Enquanto cuidamos do corpo procuramos não esquecer a alma, e nesse sentido lhes oferecemos a preparação pascal e o retiro de verão e uma hora de aproveitamento intelectual nas noites grandes. Só assim poderemos esperar homens completos.

Embora não completamente satisfeitos, pois todo o homem só em Deus será totalmente saciado, do nosso coração só pode sair uma palavra — Graças a Deus.

Padre Horácio

SETUBAL

Tivemos ontem connosco o Senhor Cardeal Patriarca. Há muito que Sua Eminência nos havia prometido: «Eu vou lá passar um dia convosco». Não podíamos aspirar a honra maior nem a motivo de maior alegria. A companhia da Mãe, quando ela é «Mãe» é a consolação maior que um filho pode gozar. A presença dum Bispo que é «Mãe Igreja» enche-nos dum gozo que permanece.

O Purpurado da Santa Igreja esconden-se diante de nós para nos aparecer como um «Padre da Rua» a viver na simplicidade do Evangelho o problema angustiante dos Pobres e dos Rapazes abandonados, a abrir caminho dentro do espírito bem assimilado de Pai Américo e a aconselhar com a longa experiência da sua vida e a Luz de Deus que nEle brilha, como um «Padre da Rua»

mais velho que ama a Obra desde que A conheceu.

Pareceu-nos vê-lo tão debruçado sobre este rebento da Santa Igreja que nasceu no coração de Pai Américo que tivemos a sensação de que Ele gostaria de viver a nossa vida se Deus não quisesse antes que a Sua, fosse o tronco do Patriarcado de Lisboa.

Enamorado da pobreza do Senhor Jesus Cristo, falou-nos dela com a autoridade de Quem a vive e de Quem gostaria de ir como nós, escondido debaixo dum capa preta pelas mansardas dos mais infelizes dar testemunho do seu amor pelos Pobres.

Não houve recepção. Nada. A Casa do Gaiato foi Casa do Gaiato. Cada um no seu posto. As escolas, as oficinas, a vacaria, a padaria, a cozinha, tudo como nos outros dias para que S.^a Eminência visse. Os rapazes quiseram tê-lo no meio deles. Foi uma hora cheia. Primeiro foi a vez deles; depois falou Sua Eminência. Vimo-lo pequenino entre os pequenos a dizer-lhes: «Não pensem que eu fui sempre assim, também fui pequenito como vós e também um de vós pode vir a ser Cardeal Patriarca de Lisboa». Que grande lição para eles, e para todos nós!...

Não houve palmas, nem flores. Houve o coração em festa e em festa está.

P.e ACILIO

A vida do **Padre da Rua** é vivida de joelhos. Só de joelhos e mãos postas ela tem sentido. Não há modo humano para equacionar a sua atitude. Ele é o contínuo desgaste na vida angustiante de mendigar pão e trabalho para os rapazes da rua, recebido com indiferença por quem mais deve compreensão e ajuda. Ele a necessidade urgente e constante de dar saúde física e espiritual a estes rapazes, definhados pela fome e pela rua, única herança de todos eles. Elé os meios necessários à sua orientação e formação profissional, que montam a rios de dinheiro. Estas necessi-

dades todas, vistas por um prisma puramente material, desnor-teariam um qualquer, como acontece a muitos dos nossos visitantes ao procurarem saber como é a nossa vida.

Apesar disto, e precisamente ao contrário do que muitos pensam, os **Padres da Rua** não vivem unicamente para a criança como tal, mas enquanto objecto da Redenção e por isso nossa irmã, remida pelo mesmo sangue de Cristo. É nesta linha que encaramos as coisas e nesta linha, justamente, que a nossa dedicação não tem limites.

Das dificuldades na con-

secução do bem espiritual, uma palavra a propósito no fim. Das dificuldades no bem material, nem será bom falar, porque é sempre o tom das entrelinhas neste jornal. Apesar de Lisboa ser a Capital, quanto à sua Casa do Gaiato fica muito atrás das outras cidades. Sou testemunha. Bem pudera sustentar em vez de uma, seis. Pelo menos rapazes nascidos e perdidos nas ruas são às centenas, senão aos milhares. E em maré de lhes darmos a mão... Quantas pessoas vão daqui a chorar perante uma negativa inquebrantável ao caso do miúdo que apresentam. E por cartas e telefone... Não há nada que doa tanto. Pois bem, podia Lisboa ter em vez de uma, seis, que não chegariam. Mas nem uma tão pouco, considera sua e toma a seu interesse.

Fazem-se aqui os congressos. Vão daqui as resoluções. Dimanam daqui as leis.

Mas não haverá certamente em Portugal parcela de território onde a criança seja tão esquecida. Já não me queixo dos casais que não as querem no seu seio. Dos proprietários que não lhes alugam as suas casas. Falo daqueles que desperdiçam. Daqueles que passam este mundo esgotando-se e esgotando os seus bens na variedade dos prazeres desta vida, sem nunca se lembrarem que há muitas crianças com direito ao que esses esbanjam. Há muitas a passarem fome, vivendo eles na abundância desregrada. Há muitas a sofrerem sem remédio, enquanto esses gozam sem medida. Esteve há pouco, aqui à minha beira, um dos meus, classificado com atraso mental pronunciado. Filho de mulher da rua. Como este quantos

Como eu compreendo bem aquele gemido de Pai Américo: «Eu vivo a angústia da Obra que criei». A vida do **Padre da Rua** é vivida de joelhos, para tirar destas crianças, homens são, honestos, cristãos. De joelhos, como quem reza, para que Deus opere nelas o milagre do Seu amor.

P.e José Maria

P. S. — Não foi possível arranjar para este número de aniversário fotografias capazes da nossa máquina da Tipografia, nem do nosso tractor. Não há como ver

«Belém» é, por enquanto, pequenina, mas nasceu com horizontes muito largos — dizia eu no último número.

Com efeito, no art.º 2.º do Capítulo I dos seus Estatutos, lê-se:

—«Belém» tem a sede em Viseu e receberá crianças de qualquer ponto do país, podendo ser abertas casas noutras localidades, desde que o desenvolvimento da Obra o permita».

Ora os Estatutos de «Belém» foram elaborados logo após o seu nascer e aprovados por despacho de Sua Ex.ª o Ministro da Saúde e Assistência, de 5 de Março de 1959, isto é passados pouco mais de dois meses da sua existência. Trata-se, pois, de resolução tomada desde o início. E posso mesmo acrescentar que esta disposição está de tal modo no âmago da sua concepção que, a ser alterada, em muito afectaria o seu espírito e a linha de rumo a seguir até ao estado de maturidade da Obra.

Vejamos alguns aspectos do problema.

Assentemos primeiro em que a casa que se abriu em

com os próprios olhos. As portas estão sempre abertas. Aos domingos há o rapaz com as chaves das oficinas e mostra. O tempo está esplêndido para sair até aos arredores e o Tojal fica perto.

A FAMÍLIA CRESCE



José Araújo Martins e a Maria Adriana no dia do seu casamento

Viseu se destina só a crianças que necessitem de ser retiradas do meio ou família em que vivem, por impróprios e prejudiciais à sua educação.

Na verdade, quando os pais ou a mãe ou qualquer outra pessoa de família têm condições para tomar a criança à sua conta, esta não lhes deve ser retirada, mas toda a família é que deve ser assistida, se por doença, invalidez ou dificuldades económicas de tal necessita.

Por outro lado, é sabido que em «Belém» se tem a preocupação de pôr as crianças em pé de igualdade com outras crianças do seu meio social, mas que vivam em família normal e bem orientada. Têm, pois, muito mais liberdade do que outras crianças internadas em casas de assistência regidas por normas clássicas bem conhecidas de todos.

Nós, então, para começarmos bem, viemos, logo de início, viver para uma casa de campo, com nada menos de cinco portas para o exterior, que elas abrem e fecham quando querem. Essas portas dão para uma mata que não é nossa, mas onde podem brincar à vontade. A mata faz parte de uma grande quinta de muros saídos aqui e além, com portões sempre abertos, porque dentro há mais casas e mora mais gente. (Gente de todas as idades e de ambos os sexos — acrescento para que todos os leitores vejam a grande necessidade que temos de casa nossa em quinta nossa). A cidade fica perto e as belenitas lá vão à Igreja, às compras, etc.

Ora bem! Dada a necessidade de serem retiradas do meio em que anteriormente viviam, como seria possível terem as pequenas uma tal liberdade, conservando-as ao mesmo tempo na terra de origem?

Nas Casas do Gaiato, com a sua experiência de 22 anos quantos casos não há em que os Superiores se vêm na necessidade de os mudar do norte para o sul e vice-versa, para os subtraírem à influência nefasta da família e conhecidos e os fazem esquecer mais fácil-

cont. na pág. OITO

TOTOBOLA

Ontem tive uma lição de Totobola.

Eu, afinal não percebia nadinha do assunto e mal parecia — e perigoso era! — estando, como estou, na disposição de seguir o conselho daquele leitor, dado a lume no último jornal: «Não arrefeçam no tostão do impresso, teimem que quem teima vence; e ainda o o daquele outro, publicado no mesmo número: «E isso rapidamente que o tempo não está para demoras».

E tinha em casa um mestre, sem eu saber! Foi o meu secretário, o «Caracol», quem mo revelou quando eu lhe pedia informes em que ele não estava também muito seguro:

— Pergunte ao Avelino... Olhe que ele sabe tudo!

E eu perguntei. E fiz muitas perguntas. E como é, e como pode ser... E não achei o Avelino em falso a propósito fôsse do que fôsse. Sim senhor, ele sabe tudo.

Pois agora estou inteirado — cuida eu. E, sabendo, como não sabia, que há quem gaste por semana centenas e até milhares de escudos em apostas — para o que não são precisos muitos impressos — estou a inclinar-me, como mais justo, para o tostãozinho por cada aposta mínima, afim de não serem cravados por igual os apostantes de algibeira pobrezinha e os de recursos e ambições mais largas.

Os senhores fazem favor de ir lendo estas linhas com muita atenção e de ir formando a vossa opinião — que eu fico cada vez mais sobre brasas, ao pensar em certas paróquias de habitação miserável, que receberam a graça de ter à frente um pároco com coração de Pai e senso de realizador do bem comum, onde, com o tostãozinho do «Totobola» a chamar muitos outros tostões por ali amealháveis, se poderia ir resolvendo, numa obra sem fachada, mas de verdade, este magno problema de cada Família, que é uma habitação digna de ser chamada Lar.



PATRIMONIO dos Pobres

Meu Padre:

Demorei o agradecimento do último cheque de 6 deles para irem as fotos que pediu. Aqui lhas mando. Diz o fotógrafo que poderia tirar ampliações mas mais demoraria.

Andei a calar alguns «cachorros» mas nem sequer me apercebi de que já eram cães de fila e... ainda me faltam, nesta data, 6.955\$60 para os matar.

Não se aflija, que a mim nada me preocupa esta dívida. O Senhor tocará o coração de alguém.

Já está outra nos alicerces e mais três terrenos à espera de pedreiros! Louvemos o Senhor por estas coisas lindas da nossa terra!

Muito obrigado por ter vindo! Que altura!

Um abraço muito apertado.

(O sublinhado é nosso)

Esta carta bem poderia ser encabeçada pelo título que aí vai noutra lugar: Inquietação Sacerdotal. É na verdade um inquieto este Pároco. Podia dizer mesmo: irrequieto.

Começámos a escrever-nos estava ele no Hospital com uma perna partida. A perna imobilizava-lhe o corpo, mas a alma pairava sobre as suas ovelhas.

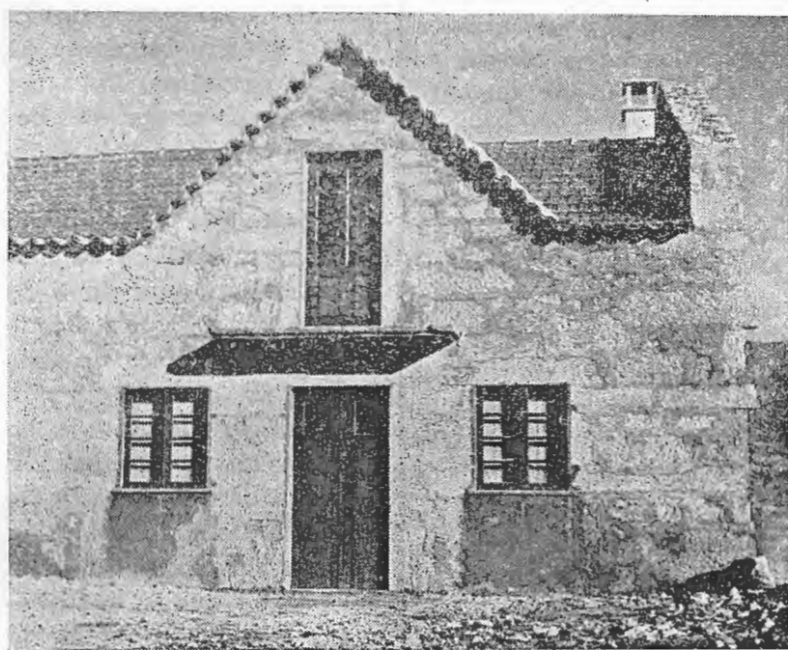
Conhecemo-nos mais tarde, na sua paróquia. Encontrámo-nos ao sair da vila, junto ao cemitério onde acompanhava um dos seus à última morada. Dali regressámos a tratar das moradas dos vivos.

Da obra que está feita dizem as fotos que este artigo encaixilha. Dizem alguma coisa... Dizem muito menos do que a realidade é!

Passam de quarenta as casas que ele tem ajudado a erguer. E que casas! Paredes de 50 ou 60 centímetros, que ali é terra de granito! As suas lareiras muito lindas, ao sabor da região! Três e quatro quartos, em regra, além da cozinha e da salita para receber a Cruz! E quase todas elas aproveitam o forro para celeiro dos nadinhas que o quintalito dá!

Ó que valores preciosos se movimentam e estão postos a render! Quantas energias aproveitadas, que se desperdiçariam em miséria e em desânimo, se não fosse a Fé daquele Padre! E nem sequer tem faltado quem malshine!... É a marca da contradição, é o sinal de Cristo a imprimir carácter!

Pois bem, eu digo tudo isto aqui, no «Património dos Pobres», não para ser indiscreto, mas para que todo o mundo saiba o que pode um Pastor de al-



Aqui é Meda!

condiciona a saúde das almas que lhe foram entregues. Compreendendo assim e acreditando inabalavelmente nas graças do estado em que foi constituído — ele resolve os problemas, primeiro no seu coração sacerdotal. E quando aí os resolveu, Deus lhe resolve a materialidade desses problemas.

mas «de hoje e de sempre». Que o Seu poder de milagres não cessou nem deixa de se realizar, quando for preciso. Sabe que Cristo está presente no meio daqueles que O invocam e trabalham em Seu Nome, como Enviado do Pai, daquele Pai Celeste que não deixa cair da nossa cabeça um só cabelo, sem que seja para nosso bem! Sabe isto tudo e só isto — e isto lhe basta!

E agora acrescento eu: Que se o Totobola jôr por nós com aquele tostãozinho por impresso (ou par de impressos...); se daqui ou dacolá, surgirem esmolas em corrente caudalosa — ai do tugúrio, nas Paróquias onde houver Párocos assim, que lhe declararemos guerra, que lhe faremos guerra de extermínio!



Aqui, também!

mas que não esquece os corpos, nem quanto a sanidade destes

Como? Quando? Por meio de quê ou de quem?... Isso não é com ele! Nem há sequer, ninguém que menos saiba o como e o quando e o quê ou quem, do que ele. O que ele sabe é que Cristo não é só «daquele tempo»,



Cantinho dos Padres da Rua

«Esperar contra toda a esperança...» — foi palavra que ouvimos mais de uma vez a Pai Américo.

A sua vida, a nossa, é a de semeadores que lançam a semente sem jamais lhe perderem o sentido, na expectativa ansiosa da sua germinação, ainda que temporais lhe sejam adversos e tornem difícil e demorado o frutificar.

Foi assim com aquele a quem se refere a carta há pouco recebida, que aí vos dou. A carta não é dele, é da Irmã (Que grande alma e bem formada as suas cartas deixam transparecer!), mas fala dele, dá-nos notícias dele, notícias que ela crê—e acerta!—nos não-de dar satisfação.

Os mais novos de nós, decerto se não lembram dele. Deu-nos desgostos e grandes. Deu-nos enquanto viveu sob os nossos tetos. E continuou a dá-los quando voltou a eles para os desrespeitar.

A sua vida foi vária e triste. Visitámo-lo em prisão. Foi aí mesmo que o vimos a última vez. Agora saiu. Agora... já há meses. Deus jamais deixou de o amparar (Que ele o não esqueça e lhe agradeça!). Agora serve-se, como de instrumento, desta irmã. Serviu-se do emprego, logo arranjado mal ele voltou à liberdade. O patrão está contente. Os atrasos na vida não lhe permitiram ascender a categoria maior na sua arte. Mas o patrão reconhece-lhe o valor e a boa vontade e paga-lhe mais do que o devido enquanto ele não tiver a classificação profissional que já merece.

Eu tenho topado frequentemente (últimamente mesmo muito!) com este mistério da Graça que, às vezes, dá voltas tão por largo, antes que seja eficaz na alma de muitos a quem Deus a dá. E quantos destes não vêm a ser dos melhores: dos mais humildes, dos mais generosos!

Mistério que a gente não entende, mas que revigora a nossa confiança e nos reajusta naquela via aberta para nós por Pai Américo: «esperar contra toda a esperança».

Também aos nossos rapazes este mistério serve de alento. Quantos lutam tanto tempo por se vencerem, em vão — parece-lhes e parece-nos — que acabam por cansar, que chegam a desanimar...

Estas ressurreições que vão testemunhando, de irmãos que outrora conheceram no ponto mais baixo da depressão — são um tónico para a sua esperança. Ela os carrila, após cada queda, na linha da Humildade, no caminho verdadeiro de uma ressurreição, que é sempre obra de Deus, não nossa.

Quase me ia esquecendo de vos dar a prometida carta... Aí a tendes. Demos graças a Deus.

Venho agradecer—ainda que tarde — a V. Rev.ª, todo o tra-

balho que teve com informações, idas ao Sindicato, etc., por causa do meu irmão António. Que Nosso Senhor lhe pague.

Fomos logo ao Sindicato e brevemente recebe a carteira como aprendiz do 5.º ano. Até certo ponto, talvez seja bom, para ele ponderar o que perdeu. Já pediu uma certidão e foi tirar o bilhete de identidade. Levanta-se todos os dias muito cedo para ir trabalhar e isso é já um bom prenúncio. Vem da oficina para casa, ajuda no que pode, ouve música, lê e rezamos o terço.

Agora está com vontade de trabalhar e estudar. Já começamos com matemática e agora vamos ao Francês. É outro rapaz. Bendito seja Deus! Eu digo isto a V. Rev.ª, porque creio dar-lhe satisfação, pois o António fala de V. Rev.ª com muito apreço.

Muito e muito obrigada por tudo.

Gilberta



É extremamente contingente a disponibilidade de forças numa Obra de doentes, que se apoia em doentes, para atender a doentes. E, quando estes já não esperam cura, porque incuráveis, mais ainda. A nossa cozinha está entregue a uma doente de setenta anos extenuados, a Ti Rosa, que presentemente recolheu ao leito. As limpezas esperam, cada dia que vem, por novo doente que esteja em forma. Os próprios doentes acamados nem sempre colhem os carinhos e afagos de que carecem. E, finalmente, sucede, que os braços são ao serviço dos doentes, estão igualmente fatigados e enfermos. E não vislumbramos vidas em pleno vigor, que se queiram perder por esta causa. Será que se extinguiu a capacidade de doação e martírio, que é a glória da Igreja?

É momento cruciante esta travessia presente, porquanto diariamente conhecemos e topamos com situações de urgentíssimo amparo, e com mágoa profunda balbuçamos um

COLISEU DO
PORTO

5 DE ABRIL
AS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

BARREDO

O Barredo é assim. Diz-nos sempre alguma coisa de novo, quando o visitamos. Estamos habituados a ver as mesmas ruas, as mesmas casas, as mesmas pessoas. Subimos e descemos escadas sem conta, sempre assim foi; e de cada vez que lá vamos, parecem-nos mais escuras e mais difíceis e mais perigosas. Não raro, lá de cima do quarto ou quinto andar, chega voz amiga: «cuidado, não vá cair; que não se vê nada!». Isto, quando há sol nas ruas!

As casas parecem pedir com mais força, que as deem abaixo; que não as deixem albergar vidas humanas lá dentro, porque não têm luz, nem sol, nem ar, nem dimensões suficientes nem higiene, nem nada.

Feliz o dia, em que todas as famílias que ali vivem, possam ser levadas para casas arejadas, soalheiras, amplas, airozas e simples; onde as crianças, logo de manhã, abram as janelas e respirem o ar puro e fresco que lhes dá saúde; onde haja um lugar ao sol para brincar; onde os pais possam viver, de consciência tranqüila, porque há um lugar para eles, outro para os filhos e outro para as filhas.

Infelizmente, em não poucos casos, o critério orientador das construções assenta numa base puramente económica e material que se torna anti-cristã, pelas sérias dificuldades que cria ao Lar cristão. Não. O problema do nosso Barredo e das nossas ilhas não pode resolver-se assim. Nunca teremos casas para famílias e passamos a ter grandes armazéns de gente, de lindas fachadas, embora, mas armazéns. Quando muito, teremos uma mudança de lugar — de casas velhas e arruinadas,

NÃO mortal para tantos doentes em abandono. É que não há forças para deitar mais ninguém nas camas disponíveis; e os pavilhões novos estão em acabamento moroso.

No entanto, deparamos por vezes com clamores a que não nos atrevemos a dar uma negativa.

É do Porto. Separa-se do marido e junta-se com alguém em passo mau, mas fatal. A saúde vai-se com o tempo. Recolhe ao hospital. Nada, porém, a fazer. Está imobilizada. É convidada a sair. Tantas vezes a doença surge para bem! Oferece tempo ao espírito para se concentrar. E a concentração é, não raras vezes, a melhor conselheira. E a pobre inválida lança o apelo: — «Dêem-me cama em qualquer parte, que não quero tornar para o pecado!» — Trata-se de grito de vida ou de morte! A consciência cristã (de todos nós) não pode permanecer tranqüila, a menos que esteja embaciada. E não há outro remédio senão arrancar um SIM, que vai custar sangue aos braços doentes e fatigados do Calvário.

Padre Baptista

para casas novas, com um pouco mais de ar, luz e sol, talvez, mas o homem não encontrará nelas a sua felicidade.

X X X

Era já ao fim da tarde quando chegámos à Fonte Taurina, ali junto da Ribeira. As ruas estavam cheias de gente que regressava do trabalho, ou «mattava» o tempo, sem nada fazer, no meio da algazarra da pequenada, em brincadeira despreocupada.

Vêm-nos passar e recolhem a suas casas, na esperança de que entremos em todas elas para nos falarem da sua vida; da vida dos filhos que têm por escola a rua; dos homens que não têm trabalho e, a maior parte das vezes, nem sequer hábitos de trabalho. Um mundo de gente que temos de salvar! Cada um tem a sua história. Precisam de quem vá ao seu encontro.

Respeitam a batina como respeitam as passadas de todos os que ali vão por bem. Eles serão de quem os amar e de quem mostrar que os ama.

R. da Banharia, Travessa de S.ta Ana, R. dos Mercadores, foram testemunhas da nossa passagem.

P. Manuel António



VARANDA de Beire

NEM um sequer escapou dos que tínhamos. Veio a peste e levou-os todos. No entanto, a raça dos nossos suínos conseguiu salvar-se. E com este salvamento colhemos proveitosa lição que vamos guardar ciosamente para o futuro.

A pobre do Virgílio vive perto de nós em casa arrendada. Um quartito, mas vai-lhe remediando, porquanto ela é só. Mas, porque os braços também são sós e inválidos, a pobre vê-se e deseja-se para angariar a renda. Resolvemos, pois, dar-lhe um suíno da última ninhada deles. E com o bácoro na engorda estaria assegurada a estadia da Tia Valentina na humilde casita que habita. Ora, quem viria a ser o comprador? A Casa que o deu, na qual nem um sequer escapou com a peste! E deste modo ficámos com a mesma raça e a pobre com a sua casa.

Ora eu queixei-me a toda a gente e disse das cortes vazias. E tudo se remediou. Padre Horácio oferece-nos um já pronto para a panela. Padre M. António três deles para a engorda.

Eu não costumo gemer muito

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Mais um aniversário do nosso «Gaiato» — o XVIII. Entra no 19.º de publicação ininterrupta. Tem sido um pregoeiro do bem, podemos dizê-lo, e com muita satisfação baluarte da imprensa nacional.

A rapaziada da redacção embandeirou em arco. Pudera!... Não é para menos. O Avelino nunca o vimos tão radiante e satisfeito, apesar de ser pouco expansivo. O Júlio até requisitou umas cortinas novas para o escritório da tipografia. Ninguém cabe com as gentes da tipografia. Todos contentes, todos garbosos, tendo pena de não se publicar nenhuma foto do nosso edifício e dos seus colaboradores.

O Pinto prefere que se faça uma reunião e que não falte alguém para comer, vinho do Porto e doces e nós todos de acordo. Pudera!... O nosso jornal é o «Gaiato»!

Quantos testemunhos vivos! Quantos pedaços de sangue não são juntamente impressos com caracteres que compõem as suas colunas. Quantos ramais particulares não vêm dar a este coração que pulsa continuamente com os oprimidos, Pobres e heróicos sofredores, doentes, presos e rapazes da nossa marca que ainda não puderam entrar no que é seu porque, sendo a Obra da Rua muito grande é imensamente pequenina!

Neste dia de festa, queremos unir todos os que estão espalhados pelas sete partidas; os que, ao serviço da Pátria estão espalhados por todas as terras do nosso Ultramar; todos estes passaritos que estão sob nossas telhas os leitores que mantêm ao longo do ano este diálogo vivo e formidavelmente positivo; os que nos amam;

os que nos odeiam; os indiferentes, e, sobretudo estes para os quais convergem as nossas atenções a fim de que o Famoso seja estimado em todos os lares de Portugal.

Escolas, instituições, organizações comerciais, pobres, ricos, remediados e todos estamos a ver subir a nossa avenida ladeada de formosos carvalheiros em sua beleza outonal, subir à casa 4, 2, 3, hospital, Casa Mãe, Capela com seu cruzeiro à frente, que tudo domina, Escolas, salas de recreio, oficinas, onde os alunos se elevam e moldam, passando pelas instalações agrícolas, campo de desporto.

As terras que se revolvem nos campos novos. As gaiavas para plantação de videiras. Os que lavram e apanham erva para o gado. Deles a limpar e podar árvores e cuidar das vinhas. As hortas que são a delicia grande postas à mesa com azeite e vinho da nossa quinta. Os campos com verdes pastagens. Ao fundo, na mata, o florir das mimosas, por entre os pinheiros, fundo magestoso em suas tonalidades que dão vida e nos dizem que a Obra da Rua não é só isto que os nossos pobres olhos divizam!

daniel

LAR DE LISBOA

Já há muito que aqui não damos notícias de que os nossos amigos nos têm dado, mas não é por esquecimento ou ingratidão, pois todos os dias os recomendamos ao Senhor.

Vamos lá pois às notícias: — Alguém que não diz quem é, mandou entregar aqui no Lar, por duas vezes 500\$00 de promessa, e para o que for mais necessário. De várias pessoas, embrulhos com roupas e calçado usado, livros e jornais. Dum escritor bem conhecido, por intermédio de sua tia, uma boa mobília de casa de jantar. Um homem católico veio trazer-nos um fato e mais roupa. Uma senhora da rua da Estrela, 2 camas e várias coisas, tudo nos fez jeito. Da nossa grande amiga, que é a senhora do pão, várias lembranças, um dia de pão por mês e quando por lá tem aniversários e nosso rancho é melhorado. A senhora da Calçada da Glória, várias vezes diversas ajudas. Que o Senhor lhe dê coragem e alívio para o seu grande mal. Duma senhora 30\$00 e de um rapaz amigo 20\$00. Motorista amigo dos Gaiatos sempre vai aparecendo com os 50\$00 do costume. De A. V. Gomes 50\$00, e não queremos aqui deixar de lembrar aqui duma maneira especial aquelas pessoas que mensalmente nos dão com maior ou menor sacrifício, uma parte do que Deus lhe dá, para minorar as dores de cabeça ao Senhor Padre José Maria. Já vão sendo quase uma vintena de contribuintes voluntários. Um casal trouxe-nos aqui, pacotes com roupas para Belém, Calvário e Pobres. Alguém mandou 4 lençois novos, um cobertor e mais coisas. Da senhora da rua de S. Domingos, que põe tanta delicadeza na sua maneira de dar, temos recebido roupas, mimos vários, algum dinheiro e até um bolo-rei feito em casa, que fazia inveja às melhores pastelarias. Uns senhores amigos, mandaram-nos um saco de figos, outro de grão e boles para o nosso Natal. Uma senhora um saco de feijão catarino e doutra senhora uma porção do mesmo. Que jeito nos fazem estes legumes! Os dois Dinamarqueses, amigos dos gaiatos enviaram rebusados e broas de Natal. Senhora das Quintas-feiras, um bolo-rei e da senhora do pão, 2 dos ditos no dia próprio.

António José

TOJAL

ANIVERSÁRIO — Já há muitos anos que o nosso jornal «O Gaiato» se tornou um elemento indispensável nos lares portugueses. Só é pena que ele ainda não conseguisse entrar em todos eles. Também é verdade que «O Gaiato» tem contribuído para a criação de grandes coisas no nosso País. E é verdade também que muito tem contri-



buido para o apetrechamento moral de muitas gentes.

Ora o Aniversário de um jornal como o nosso é sempre um dia de festa. Festa nas almas porque o mensageiro continua a lançar a palavra e doutrina do Evangelho. São quase 50.000 a receber essa mensagem. Há festa portanto na alma de quase 50.000 mortais. Por tudo, viva «O Gaiato»!

UMA INAUGURAÇÃO — Como o noutro local falamos, foi inaugurada uma nova máquina, na presença do Senhor Governador Civil de Lisboa, Sr. P.e Carlos e Sr. Presidente da Câmara de Loures. A alegria estampada nos rostos dos Tipógrafos era bem o testemunho do entusiasmo que todos dedicam à entrada de um novo elemento que vem contribuir para aprendizagem de cada um.

Os jornais não falaram. Mas nós tivemos a grata presença do Sr. Governador que a todos encantou com a sua simplicidade e alegria. Almoçou conosco e no fim houve discursos. Sr. P.e Carlos falou primeiro. O tema foi o trabalho. Dele falou a importância que as máquinas têm na formação dos nossos rapazes para a vida futura. A propósito citou o facto de a gerência de uma nova fábrica a abrir no Porto nos pedir todos os rapazes moralmente aptos a trabalhar nessa fábrica é a pena de no momento não poder contar com um número grande desses rapazes. Em seguida falou o Sr. Governador que agradeceu a atenção dispensada e fez votos para que a nossa Obra encontre a matéria prima humana que aquela fábrica pediu. A hora da partida chegou e o Sr. Presidente da Câmara de Loures prometeu-nos a encomenda do jornal do Região a executar na nova máquina. Pela nossa parte queremos agradecer ao Sr. Governador a sua visita. O nosso muito obrigado.

OS NOSSOS TROPAS — Alfredo e Augusto foram chamados a servir nas fileiras do nosso exército. Fazemos desde já os nossos votos para que durante o serviço militar saibam cumprir o seu dever e prestigiar a nossa Obra. Para ambos desejamos boa sorte.

Cândido Pereira

SETÚBAL

— Anibal, é um rapaz de 18 anos. É meu discípulo na nova oficina de carpintaria-marcenaria. Tem jeito. Outro dia saiu de casa por algum tempo, e ele ficou. Deixei serviço, mas ele, fez o que lhe deixei, e inventou outro que era preciso. En fiquei contente, e Sr. Padre Acílio, no silêncio, ainda mais. Podia fazer só o que lhe mandei, mas era preciso fazer mais, e ele fez. A iniciativa do rapaz!

— «Vaquinha» e «Rabeca» fugiram. Não se davam bem na nossa casa, e resolveram fugir, após um roubo que fizeram. Já tinham saído e regressado não sei quantas vezes. A rua seduz. Eles eram de lá. Preferiram a liberdade na lama, e não quiseram a liberdade e a confiança das nossas telhas.

Nós cruzamos os braços e choramos como o Pai que vê os filhos em perigo. Resta-nos a esperança, de que a semente então lançada, possa um dia germinar. Tem sido assim com alguns. Eu próprio falei por mim!...

— Eu vou de vez em quando pelas camaratas. Costo de os ver entregues a si, chefiados por um deles. «De rapazes, para... e pelos rapazes». Isto é um alicerce de muita canseira, muito suor, mas é o mais seguro.

Nós vemos coisas que não somos capazes de contar, pelo seu alto valor. Foi o caso de ontem: Zé Maria foi prã venda. Um dos que habita a camarata dos mais pequenos, toma a seu cargo a chefia, e dirige. Como? Vê se é assim que fazes aos teus filhos: Fazer a cama, abri-la, puxar a coberta para trás, despir os mais pequeninos, e aconchegá-los bem aos lençois. Tem sido isto que tenho visto; os maiores — que são ainda pequenos — tratam assim dos mais «Batatas».

Ernesto Pinto

UM GRANDE PROBLEMA SOCIAL

Vai pelo mundo uma nova vaga de interesse por aqueles que viram as suas possibilidades de trabalho reduzidas por desastre ou por doença. Sucedem-se as disposições legislativas que têm por fim assegurar a colocação adequada aos que se encontram fisicamente diminuídos.

Assim, em França, a lei de 23 de Novembro de 1957 concede-lhes em certos casos a prioridade de emprego, ou empregos protegidos, depois de terem seguido um tratamento médico ou beneficiado da reeducação, ou da formação profissional, necessários.

A Bélgica adoptou em 1958 uma lei análoga, organizando um programa geral de reeducação profissional cuja execução pertence a um organismo nacional. A lei prevê um sistema de quotas, com percentagens variáveis, para a colocação obrigatória dos trabalhadores diminuídos em diferentes sectores.

Por sua vez a lei inglesa de Julho de 1958 veio também alterar disposições anteriores respei-

tantes aos parcialmente incapacitados-Disabled Persons (Employment) Act.

Mas não é só na Europa que este movimento se acentua. No decurso destes últimos anos, em países situados nas mais diferentes partes do mundo, têm-se iniciado e desenvolvido programas de reeducação profissional: para os cegos, no Brasil, no Ceilão, no Egito; para os tuberculosos no Ceilão, no Paquistão e na Turquia; para os inválidos da guerra ou vítimas de acidentes de trabalho, no Brasil, na Birmânia, na Guatemala, na Jugoslávia; para várias categorias de incapacitados na Grécia, nas Filipinas, em Singapura. A experiência mostra que para serem úteis os programas de formação profissional devem ser organizados em função das possibilidades de emprego, sendo necessário estabelecer uma ligação eficiente com os organismos de colocação e emprego.

Apesar do desenvolvimento dos serviços de colocação especial, o sistema do emprego obrigatório

(legislação fixadora de quotas) não parece perder terreno. Frequentemente os dois sistemas caminham a par. Tal é caso da República Federal da Alemanha, da Holanda e da Inglaterra.

Mas, a que propósito virá toda esta prosa?

Ora, tudo isto nos ocorreu por causa dos ex-tuberculosos que nos procuram. Os tais *clínicamente curados*, mas que ficam incapazes de exercer a sua profissão anterior e só podem dedicar-se a um *trabalhinho leve*.

Mas este nem sempre aparece. Só quem procurou um lugar de porteiro ou de contínuo sabe bem a dificuldade que há em conseguir-lo. Só quem procurou. E às vezes ganha o prémio um matulão ainda novo e de excelente saúde, que bem melhor iria para qualquer oficina. E há também (quando não é proibida...) a concorrência dos reformados, que todos preferem o trabalho na verdade têm já uma base de proventos e se foram da Polícia ou da Guarda, dão a segurança de um passado honesto e limpo.

Temos aqui em cima da mesa quatro pastas respeitantes a outros tantos ex-tuberculosos clinicamente curados que agora nos apareceram. Vamos indicá-los para melhor esclarecimento.

D-2235 — Este tem 25 anos é solteiro e trabalhava no campo. Como habilitações a 4.ª classe. Dá boas referências. De um dispensário anti-tuberculoso do I. A. N. T. saiu do nosso auxílio. O rapaz pedem o sanatório há pouco tempo — mas só pode exercer um serviço muito leve. Pretendia um lugar de porteiro.

D-2312 — Clinicamente curado, após corte de costelas. 37 anos. Era carpinteiro... Que vai ele fazer agora? Para já está a ver se consegue tirar a 4.ª classe...

D-2313 — Sim, também foi dito que está clinicamente curado. 33 anos. Antigo empregado de armazém. Tem a 4.ª classe e gostava de ser servente em qualquer estabelecimento hospitalar.

D-2314 — Outro com 37 anos. Era empregado de padaria mas embora clinicamente curado não pode mais exercer o seu antigo lugar. Também pretende ser porteiro ou contínuo.

Estes quatro casos são recentíssimos. Pois bem: não temos grande esperança de os resolver. Vamos bater a muitas portas. Vamos indicá-los para muitos lugares. Mas já sabemos antecipadamente o resultado. Eles vão esperar meses de agonia. Nós vamos sofrer com eles a sua aflição. E teremos talvez de transigir, ajudando-os a conseguir um emprego que excede a sua aptidão física, ou então adoptar o triste expediente de os pôr a vender lotaria ou bugigangas que

lhes renderão meia dúzia de escudos ou servirão apenas de pretexto para uma mendicidade disfarçada.

Não acreditam? Vamos então buscar, à sorte, dois processos já antigos — o D-1899 e o D-1649.

O primeiro foi inscrito no Secretariado em 20 de Março de 1961. Boa presença. Simpático. Educado. Sério. Embora só com o 2.º grau de instrução primária tem razoável prática de comércio, havendo já estado no Brasil. Parecia fácil a sua colocação mas... na ficha está anotado T. P. (corte de costelas). Encontra-se clinicamente curado. Pode exercer um serviço leve. Quantas e quantas diligências já realizámos — até agora sem qualquer resultado!

Mas o caso do D-1649 ainda é pior. Inscrito no Secretariado em 27 de Setembro de 1960, por ter então saído do Sanatório-prisão, começou a trabalhar em Abril de 1960. Mas o trabalho não era adequado, nem estava de acordo com as suas possibilidades físicas. Piorou e voltou para o Sanatório. Depois saiu e foi até Dezembro trabalhando como pôde, o suficiente para se manter. Coitado, agora está pior e regressou de novo ao Sanatório...

Por tudo isto falamos. Parece-nos que se impõe. Parece-nos que é urgente que o Estado intervenha e regulamente tudo isto. Só ele poderá, através de um serviço apropriado, orientar a solução do problema, sem esquecer a justa reserva de certos lugares para estes infelizes.

(Transcrito da «Circular de Ligação» do Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo)

«TI JOÃO MANCO»

É uma figura da nossa Aldeia! Tantos anos aqui quantos a Casa conta. Ele sabe tudo como era e como é — e sabe mais: sabe as dificuldades de toda a transformação.

A fotografia não o revela tão fielmente quanto eu desejava. Deu-o Deus mais torto de membros do que aqui parece. Pois este homem, que seria inválido em qualquer parte, é aqui um trabalhador animoso, «engenheiro de pontes e calçadas», que faz ver a muitos escorregados que de certo o ultrapassam em prosápia, que não em habilidade nem em dedicação.

Largo grupo dos rapazes mais pequenos são a sua parte. Logo de manhãzinha, após o café, aí vai ele mais a sua turma.

Agora no inverno, e nos dias de sol, começa pela mata, ahri-gadinha do norte e batida pelo nascente. Há sempre terras a remover, ruas a limpar, outras a construir, as a podar, saibro a arrancar... e todos estes trabalhos pertencem aos rapazes das padiolas orientados pelo Ti João.

O pobre do homem esfal-fa-se. Desde pela manhã até que o sol se põe, aí anda ele de um lado pró outro, a endireitar, a embelezar — enquanto colabora no embelezamento de alma daquele grupo de rapazes que são dos mais simpáticos e produtivos de toda a Aldeia.

O Ti João morre por eles. Eu creio que ele morria mesmo se lhos tirassem de ao pé. Apesar deles o consumirem — porque é o Ti João a ensinar como se faz e os cachopos a fazerem torto; ele a marcar tarefas e eles na brincadeira; ele a berrar com eles e daí a pouco tudo na mesma... Pobre do Ti João! Feliz do Ti João a quem cabe a alegria de comer o pão com o suor do seu rosto!

As vezes pega de conversa connosco e desabafa. Gosta muito dos rapazes e fica muito contente quando experimenta como eles gostam dele. E gostam mesmo, que o Ti João pinta a manta de quando em vez, mas ainda mais vezes é reinadío!

Pois aqui têm o «Ti João Manco»...

O ano passado foi ao Coliseu. Levou o seu boné de porteiro e foi tocar o bombo na rabelada. Este ano ainda não sei se vai. Mas ele pela-se por ir. E quando aqui há cantares ao desafio Ti João Manco é um pimpão de primeira!

É uma figura da Aldeia. Eu acho que ele morria mais depressa se lhe dessem descanso e o tirassem daqui. Nem que o pão fosse farto, e o caldo abundante! Há lá prazer maior do que o tempero do suor de quem trabalha por bem!

Noutro lugar talvez o dessem por inválido... Uma falsa piedade talvez lhe desse reforma...

Pois Ti João Manco é muito útil e bem feliz! Que o Senhor o encontre na hora derradeira firme e animoso no seu posto!



BELEM

vem da pág. CINCO

mente a vida que deixaram e que ainda os atrai!...

E o caso das raparigas é muito mais delicado, pelo que requiere medidas de prevenção mais eficazes. Imaginem-nas os leitores a crescer, a tornar-se mulheres e compreenderão a gravidade do problema.

Mas há mais. As raparigas nascidas do pecado e em famílias moralmente decaídas, terão sempre mais dificuldade em se manterem dignas ainda por outro motivo. É que há sempre uns tantos à espera que elas caíam...

Os seus costumes depravados têm necessidade de que não acíbe no mundo a geração das desgraçadas. E há sempre também umas tantas prontas a exer-

citar nelas a má língua, logo que haja algum pequeno deslize e às vezes mesmo sem isso. A maldade, a calúnia e inveja são moeda corrente no mundo, mesmo entre os cristãos.

Enquanto a nossa sociedade tiver uma norma para julgar as acções da mulher e outra para as do homem, em matéria de castidade, o problema da educação destas raparigas é complicadíssimo. Ora também neste aspecto a mudança de terra o simplifica um pouco.

Continuaremos, se Deus quiser, logo que seja possível.

Inês — Belém — Viseu

Visado pela

Comissão de Censura